

# “O Futuro da Natureza Humana” e o uso das aspas: análise do discurso de Jürgen Habermas

*“The Future of Human Nature” and the use of quotation marks: a discourse analysis of  
Jürgen Habermas*

LUCAS GABRIEL MARTINS DE LIMA

Bacharel em Direito (UNIVEL)

lucasgabrielml@hotmail.com

---

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo compreender o sentido e os efeitos do uso das aspas na obra *O Futuro da Natureza Humana*, de Jürgen Habermas. Para tanto, adota-se como metodologia a análise do discurso de orientação dialógica, considerando também contribuições da análise crítica do discurso, com ênfase no contexto histórico-político em que a obra foi produzida. A pesquisa, estruturada no formato de artigo científico, está organizada em três seções: contextualização e problematização; fundamentos teórico-metodológicos da análise do discurso; e exame do uso das aspas como marca linguística recorrente na obra. Ao longo da análise, destaca-se o entrecruzamento entre sujeitos e discursos, o que sustenta a hipótese inicial do estudo: a obra é enriquecida pelo diálogo com autores que a fundamentam conceitualmente. Conclui-se que o uso das aspas possibilita a Habermas orientar o leitor a dialogar com os sujeitos “programador” e “programado”, centrais no debate sobre eugenia liberal, além de promover interlocuções com os discursos filosóficos de Immanuel Kant e Søren Kierkegaard.

**Palavras-chave:** aspas; diálogo; eugenia liberal; natureza humana.

**Abstract:** This study aims to understand the meaning and effects of the use of quotation marks in *The Future of Human Nature* by Jürgen Habermas. To this end, the research adopts a dialogical discourse analysis methodology, also drawing on contributions from critical discourse analysis, with emphasis on the historical-political context in which the work was produced. Structured in the format of a scientific article, the study is organized into three sections: contextualization and problematization; theoretical-methodological foundations of discourse analysis; and an examination of the use of quotation marks as a recurring linguistic feature in the work. Throughout the analysis, the interweaving of subjects and discourses is highlighted, supporting the initial hypothesis that the work is enriched by dialogue with authors who conceptually underpin it. It is concluded that the use of quotation marks allows Habermas to guide the reader in engaging in dialogue with the figures of the “programmer” and the “programmed”, central to the debate on liberal eugenics, while also fostering interactions with the philosophical discourses of Immanuel Kant and Søren Kierkegaard..

**Keywords:** quotation marks; dialogue; liberal eugenics; human nature.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Jürgen Habermas, filósofo e sociólogo alemão, publicou, em 2004, o livro *O Futuro da Natureza Humana*, que reúne três conferências intituladas: *Moderação Justificada*:

*existem respostas pós-metafísicas para a questão sobre a ‘vida correta’? A caminho de uma eugenia liberal? A discussão em torno da autocompreensão ética da espécie e Fé e saber.* Além de um posfácio, no qual responder às primeiras objeções suscitadas por suas teses.

Embora o livro reflita debates característicos do início do século XXI, observa-se que os conflitos éticos delineados por Habermas permanecem pertinentes no cenário contemporâneo, marcado por crescentes incertezas sobre os rumos sociais e os limites da intervenção técnico-científica. A obra analisa o deslocamento do discurso moral frente à crescente instrumentalização da natureza humana, viabilizada pelos avanços da biotecnologia. Nesse contexto, o autor discute a irreversibilidade dos procedimentos de aperfeiçoamento genético, destacando a possibilidade de, em um sistema regulado pelo livre mercado, os pais selecionarem os genes dos filhos por meio do Diagnóstico Genético Pré-implantacional (DGPI).

A discussão proposta por Habermas abrange tanto a dimensão individual (o ser em si), com base na reflexão existencial de Søren Kierkegaard, quanto a dimensão social, conforme a universalização do imperativo categórico kantiano e a valorização do ser humano como fim em si mesmo, não passível de instrumentalização. Contempla-se, ainda, o ideal de uma “vida que vale a pena ser vivida” em uma sociedade pós-metafísica e pluralista, na qual a metafísica da religião e a racionalidade instrumental são descartadas como critérios normativos de qualidade de vida. Nesse contexto, destaca-se a limitação do ser humano aperfeiçoado em expressar, de maneira autônoma, sua própria concepção de vida correta (Efken; Barbalho, 2021, p. 10-20).

Dessa forma, a obra *O Futuro da Natureza Humana* configura-se como elemento central da presente análise, a qual adota a perspectiva da análise do discurso, com enfoque na abordagem dialógica. O estudo concentra-se, particularmente, no uso das aspas como marca linguística recorrente no *corpus* em questão. Sem a pretensão de esgotar as possibilidades interpretativas da obra, propõe-se examinar as visões e as expectativas de Habermas, bem como os efeitos e sentidos advindos do uso discursivo das aspas, considerando o diálogo estabelecido com outros sujeitos e tradições filosóficas, notadamente Immanuel Kant e Søren Kierkegaard. Parte-se da hipótese de que o texto habermasiano se fortalece conceitualmente ao incorporar o intercâmbio de ideias desses autores, que o sustentam como fundamento teórico.

Opta-se pela análise dialógica em virtude da amplitude e da complexidade do diálogo instaurado na obra, sem, contudo, desconsiderar os pressupostos da análise crítica, ancorada no contexto sociocultural em que o texto se insere. Assim, o estudo da ideologia do autor, bem como do espaço e do tempo de publicação da obra é essencial para a análise do texto (Oliveira; Campos; Oliveira, 2022).

O objetivo do estudo é compreender os sentidos e os efeitos decorrentes do uso das aspas no *corpus*, entendidas como recurso linguístico que reforça o caráter ideológico, crítico e dialógico do discurso habermasiano, particularmente no que tange à instrumentalização da natureza humana e à ameaça que o avanço técnico representa para a autocompreensão ética da espécie.

A investigação está organizada em três seções, precedendo as considerações finais. A primeira seção é dedicada à contextualização e problematização da obra, com vistas a situar o autor no panorama histórico, político e social de sua época. A segunda aborda, de forma mais aprofundada, os fundamentos teóricos da análise do discurso

adotada. Por fim, a terceira seção concentra-se na análise do uso das aspas como marca linguística recorrente em *O Futuro da Natureza Humana*, em articulação com os sujeitos e discursos intertextualmente presentes no *corpus*.

## 2 A EUGENIA LIBERAL DE JÜRGEN HABERMAS

Jürgen Habermas assume uma postura bioconservadora na obra *O Futuro da Natureza Humana*, delineada pelo estudo da eugenia liberal — entendida, nesta acepção, como a modificação genética artificial promovida pela biotecnologia (eugenia), aliada à lógica de oferta e demanda em um contexto de livre mercado (liberal) (Freitas; Zilio, 2015).

A eugenia, nesse escopo, é geralmente categorizada em duas modalidades: positiva e negativa. A eugenia positiva refere-se à possibilidade de seleção genética orientada por sujeitos externos, usualmente os pais, com vistas ao aprimoramento de características específicas. Já a eugenia negativa tem por objetivo a prevenção de anomalias genéticas, como doenças hereditárias ou deformidades congênitas (Freitas; Zilio, 2015).

Com base nessa técnica, o ser humano passa a dispor da capacidade de intervir no próprio patrimônio genético, ultrapassando os limites que, até recentemente, pertenciam ao domínio da ficção especulativa. A biotecnologia, nesse contexto, permite a superação do acaso biológico e posiciona o sujeito como potencial criador de si. No entanto, se por um lado há um agente criador, por outro, há um sujeito criado, reduzido à condição de espectador de sua própria existência<sup>1</sup> (Fróis, 2006).

A marca da eugenia liberal está, portanto, presente na relação entre pais e filhos, na qual os pais decidem qual será o patrimônio genético dos filhos, podendo, além de resguardá-los de doenças graves (eugenia negativa), definir suas aptidões (eugenia positiva), sem compreender, contudo, qual é a vontade dos filhos. Tornam-se os pais criadores e os filhos resultado da intervenção paterna, por serem definidos externamente antes mesmo do nascimento.

Preocupa a Habermas a ausência de limites entre as eugenias positiva e negativa, pois o limiar entre evitar uma anormalidade grave e aperfeiçoar o sujeito observador não é claro. O autor se baseia, assim, no argumento “efeito bola de neve”, no qual, com a permissão da eugenia preventiva ou negativa, passa-se a aceitar, por habitualidade, o aperfeiçoamento genético ou a eugenia positiva (Barreto; Subtil, 2010).

Como pontuam Bressiani e Nodari (2016, p. 877), uma forma destacada por Habermas para evitar a eugenia positiva é presumir a vontade do sujeito em desenvolvimento. Trata-se da distinção entre análise *a priori* e *a posteriori*, isto é, verificar se, comumente, as pessoas aceitam a alteração genética, para compreender (*a posteriori*) se o sujeito observador — que ainda não pode se expressar — também a aceitaria. Isso ocorre, comumente, apenas nos casos de eugenia negativa, pois uma doença grave pode afetar a própria autonomia humana a qual todos prezam para uma existência digna.

---

<sup>1</sup> Na perspectiva habermasiana, o sujeito reduzido à condição de observador de sua própria vida representa aquele que, tendo sido geneticamente modificado antes do nascimento, permanece submetido à vontade heterônoma dos pais.

Como fundamento de sua reflexão, Habermas articula a noção de natureza humana a partir de duas tradições filosóficas: a teoria da justiça de Immanuel Kant (2008)<sup>2</sup>, segundo a qual a ação individual de um sujeito autônomo deve ser guiada por princípios universalizáveis, conforme o imperativo categórico; e a ética existencial de Søren Kierkegaard (2022)<sup>3</sup>, que valoriza a subjetividade e a singularidade do indivíduo, entendendo a identidade como algo construído por meio da autocompreensão (Efken; Barbalho, 2021, p. 9-17).

Parte-se da compreensão de “vida que vale a pena ser vivida” como parâmetro universal possível em uma sociedade pós-metafísica marcada pelo pluralismo, na qual não é mais viável qualificar a vida com base em crenças metafísicas de cunho religioso, tampouco segundo os critérios da razão instrumental, que tende a servir aos interesses de grupos dominantes (Efken; Barbalho, 2021, p. 20-22).

A tentativa de reconhecer o que constitui a “vida boa”, como condição para avaliar se um sujeito aceitaria ou não submeter-se ao aperfeiçoamento genético, está intrinsecamente relacionada ao princípio da dignidade humana. Esta se manifesta já no estágio<sup>4</sup> e é reforçada pelas relações intersubjetivas – os filhos são assim considerados e comunicados pelos pais desde a gestação –, que levam à autocompreensão do ser como membro de uma mesma espécie (humana) e da comunidade moral. Para que a comunidade moral subsista deve haver autonomia, caracterizada por liberdade e igualdade em direitos e deveres. Assim, a autonomia figura como um dos possíveis parâmetros existentes na sociedade pós-metafísica, na qual a dignidade humana é o centro axiológico que norteia a “vida boa”: sem autonomia, os humanos não podem se autocompreender como dignos (Bressiani; Nodari, 2016, p. 872-873).

Assim, ao reunir as contribuições dos autores supracitados em um mundo pós-metafísico pluralista, Habermas tece a liberdade (autonomia) e a igualdade como pilares para a autocompreensão ética da espécie (do ser em si mesmo de Kierkegaard) em uma comunidade moral formada por relações linguísticas intersubjetivas (universalização de Kant). Reúne-se a presunção de uma concepção compartilhada de “vida boa”, sem prejuízo à individualidade.

A autocompreensão é, portanto, pressuposto da própria identidade, por ser necessária ao entendimento do sujeito como membro da espécie humana ou comunidade moral. No contexto de uma eugenia liberal, entretanto, pode ocorrer a alteração do discurso moral, pois a heterodeterminação genética é marcada por questões sobre responsabilidade e irreversibilidade (Habermas, 2004, p. 89).

Discute-se qual seria a responsabilidade moral e jurídica do ser “criado” mediante intervenção genética por suas condutas, bem como de que forma a sociedade deve sancioná-lo, considerando-se que sua constituição resulta de seleção genética deliberada. Tal condição o torna assimétrico em relação aos indivíduos concebidos por meios naturais, cujas características são fruto do acaso biológico e, portanto, situadas em

---

<sup>2</sup> Original publicado em 1792.

<sup>3</sup> Original publicado em 1984.

<sup>4</sup> Habermas distingue em sua obra os conceitos de dignidade humana e dignidade da vida humana, para evitar a discussão de configuração ou não da vida antes do nascimento. A primeira, utilizada na obra, está presente antes do nascimento.

uma relação de simetria ética com os demais membros da espécie. No caso do sujeito geneticamente modificado, suas características decorrem da escolha de terceiros — notadamente, os pais —, o que altera as bases tradicionais da responsabilização individual. Trata-se, ademais, de uma condição irreversível: mesmo que o indivíduo deseje modificar suas características, estará vinculado às consequências de decisões tomadas antes de sua existência consciente (Andrade, 2005, p. 12-13).

Ademais, a natureza humana, conforme delineada por Habermas, é concebida como portadora de um valor moral intrínseco, do qual deriva o conceito de comunidade moral. Quando essa natureza é modificada por práticas eugênicas, ocorre um deslocamento do natural para o artificial, o que pode comprometer a autocompreensão do sujeito como livre e autônomo. Tal deslocamento resulta em um vácuo axiológico, no qual os fundamentos éticos tradicionalmente reconhecidos — como as distinções entre certo e errado — tornam-se instáveis ou relativizados (Heck, 2006, p. 48).

Como apresenta Giacoia Junior (2004, p. 9), Habermas é crítico de uma sociedade formada por humanos programadores e programados, por reconhecê-la como potencializadora da instrumentalização da existência humana.

Ao considerar as consequências decorrentes da modificação genética, Habermas defende, com a moralização da natureza humana, a necessidade de que o direito, por meio das normas, torne indisponível a prática da eugenia — o que a técnica tornou disponível —, a fim de evitar os impactos na comunidade moral (Feldhaus, 2005, p. 310).

Com isso, tem-se a discussão de que a disponibilização da natureza humana por meio da técnica pode levar ao deslocamento do discurso moral: não se sabe como será tratada a responsabilidade de um ser heterodeterminado irreversível. Segundo Habermas, o humano criado não possui autonomia para efetivar sua autocompreensão e pertencer à espécie humana e à comunidade moral, e com a dissolução da natureza humana, dissolve-se a identidade.

### 3 ANÁLISE DO DISCURSO

É necessário descrever a análise do discurso, não somente para informar sobre o procedimento de investigação adotado, mas também para delimitar o escopo da pesquisa. A explicitação desses limites contribui para instigar novos estudos — de natureza complementar, comparativa ou expansiva — a partir da presente abordagem, o que favorece uma investigação mais abrangente sobre o discurso do autor e o *corpus* analisado.

O presente estudo não se limita à análise das regras formais ou gramaticais, mas, com apreço às condições históricas e ideológicas do autor, analisa o texto inscrito no contexto em que foi produzido. Opta-se pela análise das aspas como marca linguística, para compreender o discurso em sentido, significado e efeitos (Rocha; Silva; Oliveira, 2022, p. 218-219).

Busca-se a essência do texto, a ideologia do autor, a significância contextual dos objetos simbólicos, o sentido do discurso e os efeitos sociais propagados com o uso frequente das aspas (Rodrigues; Melo, 2020, p. 4).

Além de estudar o intradiscurso, isto é, o que o autor buscou transmitir com o texto, estuda-se o interdiscurso, o saber constituído em sociedade antes da publicação do livro, dado que o discurso do autor não é neutro, mas assujeitado à ideologia ou ao coletivo (Caregnato; Mutti, 2006, p. 681).

A interpretação realizada da obra não é absoluta, mas explora por análise vertical as aspas como marca linguística frequente utilizada pelo autor, relacionando-as ao contexto histórico-social no qual foi desenvolvido o livro, por meio de recortes discursivos do texto (Caregnato; Mutti, 2006, p. 682).

Com essa base, ligada, em regra, à análise do discurso crítica, tem-se como razoável utilizar a análise de abordagem dialógica, cuja vertente é o Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2006). O *corpus* analisado dialoga com outros discursos e sujeitos, como os seres humanos criados e criadores; e os autores Kant e Kierkegaard, do qual surge o enunciado: a nova reflexão formulada pelo autor em seu contexto (Oliveira; Campos; Oliveira, 2022, p. 46-47).

Assim, com a análise fracionada em interpretação e compreensão, busca-se abranger o que, como e porque o *corpus* transmite o enunciado, conforme o contexto de produção do livro. Sem negligenciar o conjunto dialógico, tem-se que o estudo das partes permite compreender o todo. Não serão recortados todos os trechos em que há presença de aspas, tão somente os que condizem com o enunciado do autor – a utilização das aspas no livro como meio de citação direta, por exemplo, é dispensável ao propósito do estudo.

#### 4 HABERMAS, DIÁLOGO E USO DAS ASPAS

Durante a leitura do *corpus*, vê-se que Habermas recorre às aspas para reforçar seu discurso, com sentido que transcende as expressões, conforme os trechos abaixo recortados. As aspas se apresentam como elementos de coerência semântica entre linguagem e discurso, orientando a leitura dos enunciados propostos pelo autor.

Já no início do livro – páginas 4, 5 e 22 – tem-se a utilização das aspas nos trechos: “originadas a partir da vida prejudicada”, “a sociedade justa”, “boa vida” e “vida correta”. Tais expressões, colocadas entre aspas, funcionam como marcadores de distanciamento crítico, enfatizando o caráter problemático, provisório ou ambíguo dessas formulações no contexto da sociedade pós-metafísica pluralista em que se insere a obra. O efeito discursivo produzido é o de incerteza, dúvida e incompletude – aspectos que refletem o estado da sociedade contemporânea complexa e plural. O discurso, nesse sentido, propõe a inserção do leitor em um espaço social atravessado por múltiplas compreensões de vida, compreensões estas que emergem do campo filosófico e que se estendem, com relevância crescente, a outras áreas do conhecimento, como as ciências biológicas.

Ainda na página 20, inicia-se a discussão da existência da natureza humana, cujo sentido controverso é corroborado no decorrer da obra. Ao posicionar a palavra “natural” entre aspas, o autor antecipa os efeitos de limitação do ser humano à sua natureza, a qual, hoje, é transposta pela técnica, mas que, segundo o autor, deve ser reforçada pelas normas. Reforça-se, assim, o discurso de que, se há uma natureza humana, esta não deve ser instrumentalizada. Ocorre, nesse ponto, a interlocução com

os sujeitos criador e criado, ou pais e filhos em um ambiente de eugenia liberal, pois “natural” remete à ideia de um ser concebido sem interferência intencional alheia em suas características.

Ao discutir a natureza humana, Habermas transmite a controvérsia entre acaso e intencionalidade, há muito presente na Filosofia com a discussão do livre arbítrio, como o faz em “fronteira entre o acaso e a livre decisão” e “nascidas sob a mesma condição”, nas páginas 40 e 41. O autor pontua, com o uso das aspas, o que entende como simetria relacional e liberdade de diferenciação, elementos importantes para a problematização posterior da responsabilidade do ser criado. Em suma, se as características de todo humano são fruto do acaso, o que representa a mesma condição de nascimento de todos, o ser fruto da livre vontade dos pais não está sob as mesmas condições dos demais, sobretudo no que tange à possibilidade de se diferenciar desde o nascimento.

A discussão com os sujeitos criador e criado é acrescida pelo uso das aspas em “protagonistas da evolução”, “brincar de Deus”, “o que cresceu naturalmente” e “o que foi fabricado” – páginas 30 e 33. Tais expressões evidenciam a intromissão de um ser que determina, externamente, as características de outro, sem consentimento, vez que o outro (determinado) sequer pode se expressar. Em consequência, esse é reduzido a observador de sua própria vida, de acordo com a vontade daquele. O discurso direciona o leitor a uma realidade de submissão irreversível à vontade de um terceiro, caracterizada pela instrumentalização da natureza humana pela técnica (biotecnologia).

Antes de analisar o deslocamento do discurso moral pela instrumentalização humana, há outro ponto do *corpus* retratado pelas aspas: a distinção entre dignidade humana e dignidade da vida humana. Para resguardar-se das implicações mais controversas do debate sobre a vida embrionária, Habermas (2004, p. 51) afirma que a dignidade humana está presente já nos estágios pré-pessoais, momento em que se antecipa a socialização do indivíduo, ainda no ventre materno, no contexto da relação entre pais e filhos. Nessa perspectiva, estabelece-se desde então um dever moral e jurídico de cuidado em favor do ser em formação.

A discussão é aprofundada por meio do diálogo com as teorias previamente citadas de Kant e Kierkegaard. No que se refere à doutrina do ser-em-si, proposta por Kierkegaard (2022), Habermas articula sua argumentação à noção de autocompreensão singular do indivíduo, evidenciada pelo uso das aspas em expressões como: “nos faz ‘ser’ nosso corpo”; “uma pessoa só ‘tem’ ou ‘possui’ seu corpo (Körper) na medida em que ela ‘é’ esse corpo vivo”; “impede uma relação simétrica entre o programador e o produto ‘desenhado’ de tal maneira”; e “criação de humanos” (Habermas, 2004, p. 60, 70, 90 e 99).

O sentido de ser, não ter, um corpo, transcende à visão materialista, conclamando o corpo como componente vital e indissolúvel para a natureza humana, que possibilita a autocompreensão autônoma do ser como parte da espécie humana. O ser humano heterodeterminado pode enfrentar dificuldades em pertencer à espécie, pois não se relaciona simetricamente com terceiros não modificados. A intervenção externa sobre o corpo alheio compromete os fundamentos da própria natureza humana, entre os quais se destaca a vulnerabilidade do corpo, compreendida como a experiência de

depende dos outros, no âmbito da sociedade e da comunidade linguística, para alcançar a autocompletude (Habermas, 2004, p. 48-49).

A identidade como produto da autocompreensão introspectiva do ser humano é marca fundante do estudo de Kierkegaard (2022). Habermas dialoga com o filósofo dinamarquês ao mobilizar a distinção entre ser e ter, no sentido de que a subjetividade só se efetiva quando o sujeito se realiza como ser. O uso do verbo ter implica distanciamento do indivíduo em relação a si mesmo (Habermas, 2004, p. 9).

O ser programado ou heterodeterminado não é seu corpo, apenas o tem. Não foi ao acaso e por iniciativa própria que seu corpo – características e aptidões – se desenvolveu, mas por intenção externa de seus pais, o que é irreversível e faz do ser mero observador de sua própria vida. A distinção entre ter e ser, portanto, estrutura-se no diálogo entre os autores e promove um efeito de introspecção no leitor, que é convidado a refletir sobre os sentidos da existência e da liberdade. Esses conceitos, muitas vezes representados entre aspas no texto habermasiano, são problematizados quando reduzidos à instrumentalização da vontade de outrem.

Posicionar o ser humano como produto da vontade dos pais afronta o discurso de autonomia e justiça proposto por Kant (2008) e, em diálogo com esta doutrina, Habermas também postula a defesa do ser humano como fim, não como meio: um dos pressupostos para a dignidade. A continuidade da existência do ser deve ocorrer em âmbito autônomo, não submetida a decisões alheias à vontade própria. Não há como estabelecer o imperativo categórico, conforme Kant (2008), se os sujeitos modificados são reconhecidos como meios (Habermas, 2004, p. 76).

Destaca-se que, nesse contexto, apenas o programador é autônomo e pode “desenhar”, em assimetria e com impacto destrutivo, o programado, o que se esclarece com o supramencionado uso das aspas em: “(...) impede uma relação simétrica entre o programador e o produto ‘desenhado’ de tal maneira” (Habermas, 2004, p. 90).

Com isso, tem-se o início da discussão do deslocamento do discurso moral, acentuado pela assimetria das relações entre objetos de experiências eugênicas e pessoas naturais, pois os atos eugênicos “(...) omissões bem como ações – fundamentam uma relação social, que suprime a ‘reciprocidade’ habitual ‘entre pessoas que nasceram do mesmo modo’” (Habermas, 2004, p. 89).

O uso das aspas nesse trecho reproduz o sentido de irresponsabilidade do ser modificado pelos próprios atos ou omissões, vez que a responsabilidade decorre da relação simétrica entre os seres humanos, enquanto a pessoa modificada é assimétrica em relação a terceiros, pois suas características foram determinadas externamente. Vê-se o efeito das aspas em “reciprocidade” como catalisador comum da responsabilidade humana, ausente no caso do ser modificado.

O discurso é, portanto, de deslocamento da moral: não se sabe como responsabilizar um ser subordinado à vontade alheia. Surge um novo dilema jurídico com o embate entre responsabilizar os atos dos filhos ou as intenções alheias dos pais, no âmbito da eugenia liberal, como dispõe o autor.

A noção de responsabilidade, intensificada pelas aspas, não dialoga apenas com a filosofia moral de Kant, mas também com a perspectiva existencial de Kierkegaard (2022), uma vez que a supracitada introspecção do ser o conduz à consciência de seus

próprios atos e, por conseguinte, a assumir a responsabilidade pelo que externa à comunidade (Habermas, 2004, p. 10).

Ainda, a impossibilidade de presumir, a posteriori, a vontade da pessoa modificada e a definição externa da história da pessoa são pontos ratificados pouco antes do posfácio. Nessa ocasião, o autor adverte sobre o risco de que “(...) intenções ‘alheias’, geneticamente estabelecidas, apropriem-se da história de vida das pessoas programadas” (Habermas, 2004, p. 99).

O uso das aspas no termo “alheias” assinala a ruptura do princípio da autonomia individual — um dos poucos critérios remanescentes da noção de “vida boa” na sociedade pós-metafísica. O indivíduo programado, nesse cenário, não dispõe da possibilidade de recusar sua condição como objeto da intervenção eugênica, tampouco de revertê-la, conforme sua própria vontade. Logo, tanto o sujeito programado quanto a sociedade passam a ter uma nova experiência moral, com o deslocamento do natural para o disponível (Habermas, 2004, p. 39).

Há, portanto, uma interlocução fortalecida pela marca linguística frequente (aspas), que conversa com o quadro referencial do autor, além de estimular o leitor à empatia pelo ser criado, colocando-se em seu lugar, na presença das intenções de seus pais. As aspas levam à experiência de se posicionar no lugar do sujeito “programado” e compreender a realidade de um ser que não é.

Em resumo, o enunciado habermasiano, detalhado no primeiro tópico do estudo, é reforçado com a utilização frequente das aspas, que representa um estado de incerteza entre o ser e o não ser (ou ter), propagado pela disponibilização da natureza humana promovida pela técnica, por meio do diálogo com os sujeitos criador e criado, e os discursos de Kant e Kierkegaard.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se este estudo com a validação da hipótese inicialmente proposta, a partir do princípio fundamental enunciado por Habermas: a possibilidade de escolha, por parte dos pais, do patrimônio genético de seus filhos compromete, sem a anuência dos próprios afetados, a liberdade inerente ao nascimento; e, em comunidade, de desestruturar o parâmetro moral de certo e errado, com a alteração da identidade da natureza humana. Constrói-se o livro no contexto de embate entre disponibilização do natural por meio da técnica (biotecnologia) e limitação da eugenia com a promulgação de normas.

A frequente utilização das aspas por Habermas fortalece o discurso do autor, que visa apresentar um ambiente de conflito entre o “ser” e o “não ser”, e entre o “ser” e o “ter”, com base na doutrina do “ser em si mesmo” de Kierkegaard, com o foco na autocompreensão humana; e de Kant, quanto à universalização, a justiça e o ser humano como fim em si mesmo.

As aspas permitem que o leitor reconheça a impossibilidade axiológica da criação (artificial) do ser humano e os impactos da instrumentalização da existência humana — como a própria dúvida. Os trechos destacados no estudo demonstram que as aspas conversam com os sujeitos programador e programado, e com os discursos de outros autores. Como condição histórico-ideológica, o autor demonstra a importância

do respeito à subjetividade como pressuposto de existência da comunidade moral contemporânea.

Não fossem as aspas, o autor transmitiria ao leitor o discurso de certeza ou de monotonia, o que não representa o contexto de dúvidas no qual foi construído o livro. Veja-se que mesmo em destaque isolado, o uso das aspas em “programador”; “programado”; “desenhado”; “que foi fabricado”; e “brincar de Deus”; transmite, por si só, a mudança de paradigmas na sociedade, com o possível impacto negativo da técnica ante a autonomia individual.

O diálogo é reforçado pela utilização das aspas como marca linguística, que transmite aos leitores a posição do autor como questionador da técnica e discute temas incertos com base em discursos já conhecidos. Como foi disposto na seção de análise do discurso, consta no livro o interdiscurso (saber já constituído em sociedade) e o intradiscurso (nova abordagem do autor).

Do interdiscurso têm-se as doutrinas de Kant e Kierkegaard, posicionadas em uma sociedade pós-metafísica pluralista, enquanto o intradiscurso aborda os parâmetros conhecidos da autonomia, universalizada como pilar de dignidade, ante a ameaça da eugenia liberal – livre decisão dos pais em adquirir, no mercado, o patrimônio genético de seus filhos – à natureza humana.

Portanto, o *corpus* revela sentido e significado já detalhados ao problematizar os efeitos sociais da eugenia liberal nas esferas da autonomia e identidade singular; autocompreensão do ser como membro da espécie humana; discurso e experiência moral; responsabilidade e reversibilidade das decisões. Como concretização dos objetivos do estudo, entende-se que o livro é favorecido pelo intercâmbio de ideias e discursos de outros autores, o que se mostra, de forma tácita, com o uso frequente das aspas, inseridas em uma conversa entre Habermas e os múltiplos leitores que se atraem por suas reflexões.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, T. de. Resenha de “O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?”. **Ambiente & Sociedade**, Campinas/SP, v. 8, n. 1, p. 177-180, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1414-753x2005000100012>.

BARRETO, V. de P.; SUBTIL, L. de C. Habermas, direito e eugenia. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito**, v. 2, n. 2, [S. l.], 2010. DOI: 10.4013/rechtd.2010.22.08. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/RECHTD/article/view/298>.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo/SP: Hucitec Editora, 2006.

BRESSIANI, A. P.; NODARI, P. C. A autocompreensão ética da espécie e o futuro da natureza humana segundo Habermas. Seria a eugenia um direito? **Espaço Jurídico Journal of Law [EJJL]**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 869–884, 2016. DOI: 10.18593/ejll.v17i3.9863. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/espacojuridico/article/view/9863>.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. PESQUISA QUALITATIVA: Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>.

EFKEN, Karl-Heinz; BARBALHO, Aleph Cedrim. A Proposta de Jürgen Habermas em “O Futuro da Natureza Humana”. **Revista Ágora Filosófica**, Recife, v. 21, n. 3, p. 05–37, 2021. DOI: 10.25247/P1982-999X.2021.v21n3.p05-37. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/2074>.

FELDHAUS, C. O futuro da natureza humana de Jürgen Habermas: um comentário. **Revista Internacional de Filosofia da Moral**, Florianópolis/SC, v. 4, n. 3, 2005. DOI: 10.5007/20241. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/20241>.

FRÓIS, K. P. O Futuro da Natureza Humana: sonho de um passado, memória de um futuro. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis/SC, Brasil, v. 7, n. 84, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1390>.

FREITAS, R. S. de; ZILIO, D. A Eugenia Liberal: um olhar a partir da obra o futuro da natureza humana de Jürgen Habermas. **Revista de Biodireito e Direito dos Animais**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 122-138, 6 dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26668/indexlawjournals/2525-9695/2015.v1i1.21>.

GIACOIA JUNIOR, O. Sobre Técnica e Humanismo. **Cadernos IHU Idéias**, São Leopoldo/RS, ano 2, n. 20, 2004. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/020cadernosihuideias.pdf>.

HABERMAS, Jürgen. **O Futuro da Natureza Humana**. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HECK, J. N. Eugenia negativa/positiva: o suposto colapso da natureza em J. Habermas. **Veritas (Porto Alegre)**, [S. l.], v. 51, n. 1, 2006. DOI: 10.15448/1984-6746.2006.1.1881. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/1881>.

KANT, Immanuel. **A religião nos limites da simples razão**. Tradução Artur Morão, Edições 70, Lisboa, Portugal: 2008. Original publicado em 1792.

KIERKEGAARD, Søren. **A doença para a morte**. [S. l.]: Editora Vozes, 2022. Original publicado em 1984.

“O FUTURO DA NATUREZA HUMANA” E O USO DAS ASPAS:  
ANÁLISE DO DISCURSO DE JÜRGEN HABERMAS

OLIVEIRA, C. Z. de; CAMPOS, J. B.; OLIVEIRA, M. A. A. de. A análise do discurso: uma abordagem teórico-metodológica em pesquisa de formação docente. **Momento - Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 31, n. 03, p. 41-67, 23 nov. 2022. Universidade Federal do Rio Grande. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14295/momento.v31i03.14053>.

ROCHA, T. L.; SILVA, G. P. da; OLIVEIRA, G. S. de. Metodologia de Pesquisa Científica: Análise do Discurso – Conceitos e Possibilidades. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, v. 21, n. 53, p. 215-225, 2022. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2913>.

RODRIGUES, D. S.; MELO, M. L. Estudo sobre análise de discurso como procedimento metodológico na pesquisa documental. **Educação**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. e40/ 1-21, 2020. DOI: 10.5902/1984644434018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/34018>.